

APRESENTAÇÃO

Este número da revista *Caderno Seminal*, cujo dossiê detém-se sobre “Literatura infantojuvenil nos países africanos de língua oficial portuguesa: ficção, teoria, crítica e historiografia”, reúne artigos, resenhas e entrevista acerca da produção literária nos PALOP. A seção dossiê compõe-se de treze artigos que gravitam em torno da produção de quatro dos cinco PALOP. Seis deles abordam obras moçambicanas; quatro, angolanas, um, cabo-verdiana; um, guineense; dois adotam a perspectiva comparativista, em que um deles compara a obra de um escritor moçambicano com um maliano, e outro, também a obra de um escritor moçambicano com um francês de nascença, radicado na Guiné-Bissau. A seção miscelânea conta com três resenhas sobre obras ficcionais moçambicanas e uma entrevista com um escritor moçambicano, autor de uma das obras resenhadas.

É importante destacar o difícil acesso às obras e à produção literária dos PALOP, ainda que haja, no Brasil, boas editoras dedicadas à difusão das literaturas africanas de língua portuguesa, tais como, por exemplo, tendo-se em conta aquelas que vêm mais prontamente à memória, Nandyala, Katuka, Kapulana, Malê, Pallas.

Jane Tutikian, em “Breve panorama da literatura infantil e juvenil angolana”, aponta caminhos para compreender

o princípio e desenvolvimento dos textos literários para a infância em Angola. Partindo de Pepetela e Maria Eugênia Neto, passando por Manuel Rui, Maria Celestina Fernandes, entre outros ainda no século XX, o Século XXI tem em Yola Castro e Ondjaki dois nomes fortes, porém sem muitos outros escritores preocupados em produzir para jovens leitores.

“Representações da infância na trilogia *estórias sem luz elétrica*, de Ondjaki”, escrito por Cleanne Nayara Galiza Colaço e Diógenes Buenos Aires de Carvalho, apresenta o diálogo que há entre a tradição literária angolana e as obras de Ondjaki analisadas no texto. O escritor olha para o passado com o intuito de vislumbrar um futuro por meio de um projeto literário angolano, que valoriza e respeita os elementos da sua cultura por meio da escrita.

A produção dramática tem espaço na leitura que Sabrina Ferraz Fraccari faz de “Uma confraternização palopiana em Lisboa: os vivos, o morto e o peixe-frito, de Ondjaki”. A autora destaca a diversidade da língua portuguesa que há no texto por meio da presença de personagens de cada um dos PALOP, em Lisboa, no edifício Migração-com-Fronteiras. Apesar de todos falarem a língua portuguesa, ela não é a mesma e esse fato desencadeia uma série de problemas e situações na história.

A construção da identidade cultural e a representação da memória coletiva são focalizadas por Tatianna Melo de Lima em “Identidade e memória na literatura infantil: uma análise de Ynari, a menina das cinco tranças, de Ondjaki”. Para a autora, a constituição da identidade dá-se tanto por meio da linguagem quanto pelo viés cultural. Da mesma forma, a memória coletiva faz-se presente pela narração de ritos, de cerimônias, entre outros costumes da cultura africana, que são abordados na obra do autor angolano.

A literatura infantojuvenil cabo-verdiana mostra-se viva e extremamente contemporânea na análise que Norma Lima faz de “Zaida Sanches e o conto infantil em Cabo Verde”. As quatro obras estudadas da autora apresentam um diálogo frutífero entre tradição e inovação, realizado nos contos da coleção *Stera*.

Em “O lugar da memória em três contos da literatura infantojuvenil guineense contemporânea: entrelaçamento entre História, Literatura e Memória na obra *A História que minha mãe não me contou e outras histórias da Guiné-Bissau* (2019), de Eliseu Banori”, Rayron Lennon Costa Sousa, Claudia Letícia Gonçalves Moraes e Diogenes Buenos Aires Carvalho analisam a obra do autor guienense e residente no Brasil demonstrando de que forma se dá a

relação entre a literatura, a história e a memória na obra do autor diaspórico.

Pedro Manuel Napido realiza, em “Literatura infantil e juvenil em Moçambique: fontes, circulação e consumo”, um percurso dessa vertente literária no país, tendo como marco inicial 1975, o ano da independência nacional, vindo até a atualidade. O autor avalia a legislação, as bibliotecas, as editoras, as livrarias, as iniciativas de promoção de leitura por diversas entidades e a tradição pedagógica na literatura para infância e juventude no país.

Em “Figuração da personagem em “o não desaparecimento de Maria Sombrinha”, de Mia Couto”, Fernanda Batista Schwerdtner, Juliana Cavalcante do Amaral e Flavio García discutem de que modo a composição de uma personagem narrativa pode contribuir para a classificação do texto como infanto-juvenil, ainda que ele tenha sido publicado originalmente em uma obra para “adultos”.

Luciana Moraes da Silva, em “Os afetos em *O gato e o escuro*, de Mia Couto”, propõe uma leitura da obra do autor moçambicano por meio da afetividade que envolve as descobertas e o crescimento infantil. Ao tratar de uma família felina, o escritor fala para as crianças de uma forma simbólica e compreensível sobre o enfrentamento do medo,

crescimento e aprendizado, assim como da hierarquia nas relações familiares.

Em “*A História de João Gala-Gala: quando há o desejo de partir...*”, Flávia Brocchetto Ramos e Rita de Cássia Silva Dionísio Santos debruçam-se sobre a narrativa de Pedro Pereira Lopes, ilustrada por Luís Cardoso, que surgiu de uma música homônima de Chico António, composta a partir de sua autobiografia.

Contos populares e suas reescrituras têm sido uma constante na produção literária dos PALOP, e vários são os autores que vêm fazendo isso. O ensaio “*Kanova e o segredo da caveira*, do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes: da tradição oral à recriação literária”, de Avani Souza Silva, propõe-se a observar a recriação do conto “O rapaz e o crânio” pelo autor moçambicano, publicado na coleção “Contos e Histórias de Moçambique”, cujo projeto editorial implica a recolha de contos, histórias e mitos da tradição oral, a serem recriados por escritores e ilustrados por ilustradores do país.

A única obra escrita por uma mulher na coleção “Contos e Histórias de Moçambique” é analisada por Carolina de Lima Andrighetti e Demétrio Alves Paz em “O itinerário feminino como transgressão em *A viagem*, de Tatiana Pinto”. Ao destacar o protagonismo feminino, os autores chamam

atenção para o papel da mulher tanto na literatura quanto na sociedade moçambicana contemporânea.

Alexander Meireles da Silva e Helenice Christina Lima Silva, em “A revolta dos bovinos”, de Amadou Hampâté Bâ e “O coelho e os cães selvagens”, de Lourenço do Rosário”, comparam um texto do escritor moçambicano com um de maliano, pondo duas diferentes Áfricas em diálogo.

A partir da análise comparativa entre duas personagens crianças, presentes nas narrativas *Kiriku e a feiticeira*, de Michel Ocelot e “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana, Maria Zilda Cunha, em “Herói e anti-herói: figurações de personagens infantis na ficção de África de língua portuguesa”, trata dos dois conceitos. O primeiro estaria mais ligado às narrativas míticas, presente na obra de Ocelot, e o segundo à condição humana, no conto de Honwana.

As três resenhas convidam à leitura das obras resenhadas, ressaltando alguns de seus aspectos. Kellen Dias de Barros trata de *Moçambiquinho*, obra ainda inédita, de Dom Midó das Dores. Kellen destaca tanto o lado intertextual dos poemas, quanto a presença de uma vivência infantil africana. Sávio Roberto Fonseca de Freitas assina a resenha sobre *Cães à estrada e poetas ao morgue*, de Deusa D’áfrica. Para Sávio Roberto, a obra da escritora moçambicana não só trata de temas importantes, tais como morte, fome, machismo,

corrupção, entre outros para a contemporaneidade, como também retoma a força social da palavra poética, tão necessária em tempos como o que estamos vivendo. Tania Maria Nunes de Lima Camara apresenta uma leitura da obra *O abecedário que finge ser mudo*, de Ernesto Moamba. No conto, em meio ao acervo de uma biblioteca, ocorre uma disputa entre números e letras para saber quem é mais importante.

Em entrevista com Ernesto Moamba, Flavio García questiona temas como o papel da literatura na educação, na formação de leitores e na sociedade, bem como a visão do escritor e do seu papel no país. Outras questões debatidas foram as matriarcas da literatura para a infância e a juventude em Moçambique, a independência política e literária e os diálogos entre as gerações de escritores.

Apesar de os estudos sobre as literaturas infantil e juvenil serem muitas vezes “o patinho feio” na academia, o panorama aqui apresentado mostra a vitalidade e a força da literatura para crianças e jovens e a sua importância na formação de leitores. Como se percebe nos artigos, nas resenhas e na entrevista, ainda há muito o que ser explorado, lido, analisado e divulgado entre os interessados nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Demétrio Alves Paz
Flavio García